

POLÍTICA, HOMOEROTISMO E A POESIA DE TEÓGNIS DE MÉGARA NOS SYMPÓSIA ATENIENSES DO PERÍODO CLÁSSICO.



<http://coi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1611>

Luana Neres de Sousa

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás

Professora Substituta no Instituto Federal de Goiás

neresluana@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0002-0782-9589>

Recebido em: 19/07/2015 – Aceito em 30/07/2015

Resumo: Durante o período clássico em Atenas, os sympósia desempenharam um importante papel entre os membros da aristocracia descontentes com os rumos que o regime democrático havia tomado. Tal festividade era cenário para encontros políticos e homoeróticos, além de proporcionarem divertimentos entre os comensais. Nestes encontros, os versos produzidos pelo poeta Teógnis de Mégara no século VI a.C. eram recitados e os conselhos do eu-poético se convertiam em alento para os atenienses que desejavam o retorno do poder político às mãos da aristocracia. O objetivo deste artigo é analisar a relação existente entre os banquetes aristocráticos atenienses do período clássico e os ideais políticos e amorosos de Teógnis impressos nos Theognidea.

Palavras-chave: Homoerotismo, Teógnis, Sympósion.

Abstract: During the classical period in Athens, sympósia played an important role among members of the aristocracy discontented with the direction in which the democratic regime had taken. This festival was the scene for politicians and homoerotic encounters, in addition to providing entertainment between diners. In these meetings, the lines produced by Theognis of Megara poet in the sixth century BC were recited and the advice of the self-poetic developed as a relief to Athenians who wanted the return of political power to the hands of aristocracy. The objective of this paper is to analyze the relationship between the Athenians aristocratic banquets of classical period and the political and romantic ideal of Theognis printed in Theognidea.

Keywords: homoeroticism, Theognis, sympósion

Teógnis de Mégara e os *sympósia* atenienses no período clássico.

Chegou aos nossos dias, sob autoria de Teógnis, um *corpus* composto por 1389 versos agrupados desigualmente em dois livros, sendo o primeiro composto por 1230 versos de temática variada, seguido de um agrupamento menor de conteúdo erótico, sobretudo, pederástico. De acordo com Glória Braga Onelley, Teógnis é o único poeta do período arcaico que teve sua produção preservada através de uma tradição de mais de 40 manuscritos (ONELLEY, 2009, p.31), que versam a respeito da *philia*, da moderação em relação à bebida, do desprezo do eu-poético em relação à realidade política de sua polis e também sobre o amor.

O questionamento acerca da autenticidade desta produção provocou na academia um fecundo de-

bate e fastuosas argumentações. Onelley informa-nos sobre a existência de duas correntes a respeito do caráter heterogêneo dos *Theognidea*. A primeira, de cunho separatista, teve como precursor o alemão Friedrich Welcker que defendeu no ano de 1826, em *Theognidis Reliquia*, a tese de que a referida obra constitui uma produção fragmentária composta de duas partes distintas, uma pequena escrita por Teógnis e a outra de autoria de diversos poetas anteriores e posteriores a ele (ONELLEY, 2009, p.31-32). Em 1902, o inglês Ernest Harrison sustenta, em *Studies in Theognis: together with a text of the poems*, a unidade dos *Theognidea* em oposição à tese de Welcker, dando início, então, à discussão em torno da problemática da lavra de Teógnis, sobre a qual Onelley nos informa:

O principal argumento dos separatistas reside no fato de serem encontradas, na coleção, passagens atestadas por autores antigos como pertencentes a outros poetas do período arcaico, como Tirteu, Sólon e Mimnermo. Atribui-se, ainda, a Eveno de Paros, poeta da segunda metade do século V a.C., o verso 472, constante no poema compreendido entre os versos 467-96 dos *Theognidea*. [...] Destarte, a presença de passagens atribuídas a outros poetas, pela autoridade de autores antigos, levou os separatistas, desde Welcker, à conclusão de que os *Theognidea* são uma antologia de procedência variada.

Os partidários da unidade da coletânea, por sua vez, interpretam todas as passagens consagradas a outros elegíacos como adaptações feitas pelo megarense, que as teria adicionado a sua produção poética, com o objetivo de adequá-las às próprias ideologias (ONELLEY, 2009, p.32).

Conforme observamos, os estudos acerca dos *Theognidea* ao longo do século XX dividiram-se entre duas linhas antagônicas: uma que atribui a autoria da elegia toda a Teógnis e outra que defende a multiplicidade de autores na obra. Sobre essa segunda vertente, Andrew Lear informa-nos sobre a existência de duas subdivisões: a primeira nomeada por Lear de Antologista, representada por Martin Litchfield West e Ewen Bowie¹, afirma que dentro do *corpus* teognídeo existe apenas um bloco escrito por Teógnis composto pelos versos 19 ao 254; os demais consistiriam em uma coletânea de outros autores do período arcaico. A segunda vertente, denominada de Oralista e defendida por Gregory Nagy e Thomas Figueira², argumenta que Teógnis poderia não ser o nome do poeta, mas um aptrônimo³ referente a uma tradição oral simpótica arcaica. Se consideramos a segunda corrente apresentada por Lear, podemos inferir que o nome Theognis tenha relação com o termo *Theognosía* que significa “conhecimento de deus⁴”, levando-nos à interpretação de que ao agruparem versos compostos por diferentes autores do período arcaico, os compiladores quiseram ressaltar a nobreza expressa naquele conteúdo chamando-as de divinas; do mesmo modo Cirnos, nome do *erómenos* a que se destinam alguns de seus versos, também possa ser um aptrônimo cujo significado na língua portuguesa possa ser traduzido por “bastardo”. Analisemos os versos a seguir:

Procuramos ter, Cirnos, carneiros, burros e cavalos de raça e todos querem que eles sejam descendentes dos bons; mas um homem nobre não se preocupa em se casar com a filha de um inferior, desde que ela lhe ofereça muitos bens, nem a mulher se recusa a ser esposa de um inferior que possua riquezas, mas ela prefere um marido rico a um nobre. É a riqueza que eles valorizam. O nobre se casa com a filha do inferior, e o inferior com a de quem é nobre. A riqueza corrompeu a raça. Portanto, Polipaidés, não se surpreenda se raça de

¹As obras em que West e Bowie defendem a tese denominada por Lear de Antologista são, respectivamente, o livro *Studies in Greek Elegy and Iambus* e o artigo *The Theognidea: a step towards a collection of fragments?*.

²O livro organizado por FIGUEIRA e NAGY defensor da vertente Oralista é o *Theognis of Megara: Poetry and the Polis*.

³Aptrônimo é definido no E-Dicionário de Termos Literários como um nome próprio literário criado a partir da necessidade de realçar o perfil singular de uma dada personalidade. Tal nome próprio pode ter origem no caráter do indivíduo ou em sua profissão. O termo em inglês utilizado por Andrew Lear originalmente em seu artigo foi *sprechenderName*.

⁴A presente definição de *Theognosía* foi extraída do *Greek-English Lexicon* disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Aatext%3A1999.04.0057%3Aentry%3Dqeognosi%2Fa>, acessado em 03/11/2012.

nossos concidadãos se tornar indistinta, pois o que é nobre se mistura ao inferior (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 183-192).

A insatisfação do eu-poético a respeito da relação estabelecida entre os aristocratas e plutocratas é evidente. Neste caso, levando em consideração a tese da corrente oralista, é possível afirmar que o autor dos versos possa ter usado o nome Cirnos referindo-se à população megarense descendente da união entre *esthlói* e *kakói*, que ameaça a pureza de linhagem dos nobres e, deste modo, a toda polis. Todavia, ainda que esta seja apenas uma hipótese referente à autenticidade da elegia atribuída a Teógnis, podemos avaliar a importância da mensagem impressa nestes versos, que busca alertar o leitor de que naquele momento o que estava em voga era a obtenção de bens materiais em detrimento dos antigos valores da aristocracia.

Lear esclarece que houve pouco debate entre as duas correntes e que nenhuma chegou a uma contra argumentação definitiva:

Os antologistas (como eu chamo a escola de West e de Bowie) fornecem uma explicação plausível (ou vários relatos semelhantes plausíveis) da criação da coleção como atualmente está. Não houve, até onde eu saiba, nenhum contra-argumento do lado oralista (como eu denomino a outra escola): eles não descrevem a forma com a qual a sua tradição oral foi coletada e transmitida. Os oralistas, no entanto, apresentam evidências substanciais (embora às vezes sejam mais hipóteses que argumentos) de que as elegias compartilhem uma ideologia política e cultural. A visão antologista não fornece uma explicação para esta consistência ideológica, ou nenhum argumento contra ele. (LEAR, 2011, p. 378-379).

Embora não tenha havido um diálogo considerável entre antologistas e oralistas, ambos concordam que a autoria dos versos não pertence à mesma pessoa, estando em consonância com a corrente separatista inaugurada por Welcker no século XIX. Não temos o objetivo de nos aprofundarmos nesta questão da autenticidade, uma vez que nosso interesse é compreender porque o *corpus* teognídeo era proclamado durante os *sympósia* aristocráticos atenienses. Por este motivo, no presente trabalho, tratamos por Teógnis todas as vezes que nos referirmos ao(s) autor(es) dos versos. Após apresentarmos a discussão acerca dos *Theognidea* e a questão referente a sua autenticidade, analisaremos o contexto histórico no qual ela foi produzida para compreendermos a importância de sua presença durante os banquetes aristocráticos atenienses do período clássico.

O regime oligárquico vigente em Mégara⁵ durante o período arcaico começou a sofrer transformações a partir do século VII a.C. que privilegiaram a ascensão de um novo grupo, que apesar de não possuir origem aristocrática, detinha grande riqueza monetária em decorrência do comércio. Estes plutocratas são chamados por Teógnis de *kakós/deilós* (mau/inferior), em contraposição aos aristocratas, os *agathós/esthlos* (bom/nobre). Onelley observa que, embora a distinção entre *agathós/esthlos* e *kakós/deilós* apareça com frequência nos poemas de Teógnis, as virtudes de bondade e nobreza não se referem exclusivamente à aristocracia de nascimento, mas àquele que permanece ligado aos valores de seu *genos* e de sua *hetaria* política, enquanto que o homem inferior e vulgar pode também ser o nobre que se associou ao homem de baixa origem e que se comporta com valores contrários aos estabelecidos pela aristocracia (ONELLEY, 2006, p.66). Sua opinião é a mesma de Werner Jaeger, que afirma que “para chegar a ser *agathós* é preciso ser nobre não só pelo

⁵Diversos são os problemas encontrados pelos estudiosos dos *Theognidea*. Além da questão da autenticidade apresentada brevemente nesta pesquisa, existe imprecisão quanto ao período em que o poeta teria vivido, se na metade do século VII a.C., conforme defende Martin West, ou se no século VI a.C. Existe ainda uma discussão em relação à pátria de Teógnis, se a Mégara Niseia ou a Mégara da Sicília. Para um aprofundamento maior sobre estas questões, consulte: ONELLEY, Glória Braga. A ideologia aristocrática nos *Theognidea*. Niterói: Eduff, 2009.

nascimento, mas também pela conduta” (JAEGER, 1986, p. 169). Neste sentido é que o eu-poético aconselha ao seu *erómenos*:

Cirnos, esta cidade ainda é uma cidade, mas as pessoas não são mais as mesmas; aqueles que não conheciam nem a justiça e nem as leis, mas apenas usavam peles de cabras em torno de seus flancos, pastavam fora dos muros como cervos. Hoje eles são os bons, Polipaidés; os nobres de antes agora são os inferiores. Quem suportaria essa visão? Eles jogam e riem uns dos outros, sem perceber quem é inferior ou bom. De nenhum desses tornes amigo de coração, Polipaidés, por qualquer vantagem que tu recebas. Sejas amigo de todos em palavras, mas não te associes a nenhum em qualquer coisa grave; pois aprenderás a conhecer esses miseráveis, saberás que seus atos não há confiança, mas esperteza, trapaça e engano, como se fossem homens perdidos (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 54-68).

Albin Lesky elucidava-nos que a ascensão política obtida pelas camadas inferiores da sociedade havia chegado a um estado irrefreável, ameaçando o sistema político em Mégara: “Multiplicavam-se os novos ricos e, a qualquer momento, a insatisfação das massas poderia levar um tirano à posse do poder absoluto do Estado. É por isso que estas elegias são o eco do rancor e do protesto dos nobres” (LESKY, 1995, p.198). Podemos identificar este latente descontentamento do poeta nos seguintes versos:

De pessoas virtuosas aprenderás o bem; mas se aos maus te misturares, perderás até teu discernimento.

Tendo assim aprendido esses princípios, conviva com os homens de bem, e dirás um dia que eu aconselho bem os meus amigos (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 35-39).

Conhecer e compreender os poemas de Teógnis é de grande importância para a análise acerca do *sympósion* enquanto espaço para o exercício da pederastia, uma vez que durante esses encontros eram recitados versos dos *Theognidea*.

A pederastia ateniense do período clássico e os *Theognidea*.

Concebemos a pederastia ateniense como sendo um relacionamento homoerótico praticado pelo *erastés* e pelo *erómenos*, cuja finalidade no período clássico era a inserção do futuro cidadão bem-nascido (eupátrida) no seio da sociedade ateniense. O *erastés* era um homem adulto jovem, socialmente formado e ativo, com idade entre 20 e 30 anos (BUFFIÈRE, 2007, p.21). Já a delimitação da idade do *erómenos* é bastante divergente na historiografia, variando entre 12 e 18 anos. Entendemos que a pederastia era uma prática aceita pela sociedade, desde que o conjunto de regras impostas para sua ação fosse respeitado, nas quais destacamos a diferença etária entre as partes, a ausência de coito durante sua realização e sua suspensão quando o *erómenos* deixava de ser imberbe e estivesse pronto para servir a polis.

A literatura grega antiga que nos chegou geralmente relata locais como os ginásios, as palestras e os banquetes públicos e privados como espaços utilizados para os encontros entre *erastés* e *erómenos* (BUFFIÈRE, 2007, p.28). Era durante esses encontros que os *erastai* observavam os jovens, geralmente nus em decorrência da prática esportiva, e passavam a cortejá-los. Ficava a cargo do *erómenos* aceitar ou não o cortejo do *erastés*, sendo este também mais um rito da relação pederástica: se o *erómenos* fosse muito fácil e cedesse rapidamente aos agrados do *erastés*, demonstrava não ser apto a exercer bem sua cidadania (VRISSIMTZIS, 2002, p.104). Todavia, nesta comunicação, nos atemos à análise dos banquetes, a fim de que possamos compreender a maneira como o relacionamento pederástico, tão cheio

de regras e delimitações, poderia dividir o mesmo espaço que o vinho e que as cortesãs e, ainda assim, se converter em um ambiente pedagógico.

O que usualmente denomina-se banquete era um encontro liturgicamente dividido em duas partes: a primeira, chamada de *deipnon*, era caracterizada por se consumir rapidamente pratos pouco sofisticados, sem muita conversação ou bebida. A posterior era o *sympósion*, cujo significado é “reunião de bebedores”, sendo constituído por ritos religiosos, divertimentos, música e dança, tudo regado a muito vinho, que deveria ser consumido gradativamente para que não se atingisse a bebedeira rapidamente.

A relação de pederastia assumia em Atenas o papel de complementação da educação do futuro aristocrata, e deste modo, era necessário que o jovem se unisse a um adulto que desse bom exemplo de conduta. Examinamos que a mensagem impressa em tais poemas está de acordo com os ideais aristocráticos que buscavam ser mantidos com o relacionamento entre *erastés* e *erómenos*, dentre os quais se destacam a *areté* (virtude) e a *kléos* (glória).

Estamos perante uma poesia que tinha o seu lugar nos banquetes masculinos, os simpósios. Alguns trechos do conjunto dão-nos uma imagem sugestiva do desenvolvimento de uma cultura simposiástica que unia ao gozo dos dons de Dioniso um comportamento decoroso e respeito pelos convivas (LESKY, 1995, p.198).

O relacionamento homoerótico ateniense foi retratado em diversas obras, tanto escritas quanto na cerâmica ática. Como documentação a ser analisada neste artigo, elegemos diálogos escrito por Platão e o diálogo *Sympósion* de Xenofonte, produzidos na primeira metade do século IV a.C. Os mesmos trechos dos *Theognidea* são por vezes citados nas obras desses dois autores, como por exemplo os versos de 35 a 39. Em *Mênnon*, Platão faz com que Sócrates, durante um diálogo com Mênnon sobre a virtude, cite Teógnis:

Sócrates: Bem, e quanto aos sofistas? Te parecem ser mestres da virtude?

Mênnon: Bem, Sócrates, este é o ponto em que mais admiro em Górgias: tu nunca vais ouvi-lo prometer isto, e ele ridiculariza os outros quando os ouve prometer. Habilidade em falar é que ele acredita ser preciso tornar hábeis os homens.

Sócrates: Então tu não achas que os sofistas sejam professores da virtude?

Mênnon: Eu não posso dizer, Sócrates. Estou na mesma situação que o resto do mundo: às vezes eu acho que eles são, por vezes, que eles não são.

Sócrates: E tu estás ciente de que não somente a ti e aos outros políticos a virtude pareça algo a ser ensinada ora não, mas Teógnis, o poeta, também diz a mesma coisa?

Mênnon: Em que parte de seus poemas?

Sócrates: Em seus elegíacos, onde ele diz:

‘Come e bebe com aqueles homens e sente-se com eles e agrade aqueles cujo poder é grande, Pois de pessoas virtuosas aprenderás o bem; mas se aos maus te misturares, perderás até teu discernimento.’

Tu observas como nestas palavras que ele implica que a virtude possa ser ensinada?

Mênnon: Ele o faz, evidentemente (Platão. *Mênnon*, 95c-e).

O outro exemplo situa-se no *Banquete* de Xenofonte, em que Sócrates recita, ao ser questionado por Lícon sobre qual perfume os adultos deveriam exalar, os versos 35 e 36 dos *Theognidea*:

Sócrates: Como disse Teógnis:

'De pessoas virtuosas aprenderás o bem; mas se aos maus te misturares, perderás até teu discernimento.'

(XENOFONTE. *Banquete*, II 4).

Ao analisarmos os versos que tratam da temática homoerótica, constatamos que o parecer dirigido pelo eu-poético ao seu *erómenos* é muito semelhante aos expressos por Platão e Xenofonte em seus diálogos homônimos. O caráter pedagógico de tal elegia é evidente, uma vez que o autor apresenta vários conselhos ao jovem de como se comportar perante os amigos:

É para o seu bem, Cirnos, que eu formularei esses preceitos que eu mesmo aprendi de pessoas de bem em minha infância. Seja sábio e não procure honra, nem fama e nem fortuna em atos vis e injustos. Saiba disso: evite as más companhias, liga-te sempre aos homens de bem; beba e coma com eles, sente-se entre eles seja agradável para aqueles que têm o maior poder (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 26-34).

Diante da dissolução do poder, antes concentrado entre aristocratas, Teógnis aconselha exaustivamente seu interlocutor a associar-se somente aos *agathoi/esthloi* a fim de que o jovem não se corrompesse com as práticas dos que não possuíam linhagem. Conforme observa Werner Jaeger (1986, p. 167), “a doutrina de Teógnis sobre a nobreza provém de sua luta espiritual contra a revolução social”, explicando o motivo pelo qual a temática política passa a ser recorrente nos versos da elegia:

O poeta aconselha a que se evite o trato com os maus (κακοί/δειλοί), em que o poeta engloba todos os que não pertencem a uma estirpe nobre; por outro lado, também, nobres αγαθοί/εσθλοί só se acham entre os seus iguais. Essa ideia é fundamental na sua educação. Ele a propõe como axioma, ao comunicar o seu propósito de transmitir a doutrina de seus predecessores, e é com ela que inicia a parte do livro consagrado às máximas. Expõe nela o fundamento da sua exigência: conserva-te entre os nobres, não te misture com gente vulgar. [...] A sua própria conduta exprime o que entende por manter-se no trato dos nobres, pois tudo o que pretende ensinar ao seu discípulo baseia-se no que recebeu de autoridade dos verdadeiros nobres (JAEGER, 1986, p. 168).

Notamos que Teógnis utiliza como recurso a pedagogia do exemplo, em que seus próprios atos são colocados como modelo a ser seguido:

Tu és belo, mas a inferioridade de teus amigos te conduziu a homens vulgares que te desonraram vergonhosamente, oh jovem. Mas eu, contra minha vontade, perdi tua amizade vantajosamente: eu me comporto como um homem livre (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 1376-80).

Ao analisarmos os versos que compõem os *Theognidea*, notamos que o relacionamento homoerótico masculino em Mégara no período arcaico é muito semelhante ao praticado em Atenas durante o período clássico, sobretudo o que figura nas obras de Platão e de Xenofonte. Tanto a faixa etária dos en-

volvidos, quanto ao fato dos mesmos pertencerem à aristocracia são análogos ao relacionamento ateniense. Conforme afirmamos anteriormente, o período apropriado para o exercício da pederastia deveria ocorrer enquanto o jovem fosse um *meikarion*, ou seja, ainda não tivesse atingido a fase adulta e permanecesse imberbe. A importância do surgimento da barba enquanto agente delimitador do fim do relacionamento entre *erastés* e *erómenos* também aparece em Teógnis, conforme observamos a seguir:

Jovem, enquanto tiveres a face lisa, eu não cessarei nunca de te cortejar, ainda que eu esteja destinado a morrer (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 1326-27).

Assim como em Atenas, também em Mégara esperava-se que o *erómenos* soubesse valorizar as virtudes de seu *erastés* e o tivesse como exemplo de *kalokagathos*. No *corpus* teognídeo é possível identificar em diversos versos a frustração do eu-poético em relação às atitudes indecorosas de seu *erómenos*, como nos versos a seguir:

Oh jovem, seu sentimento é semelhante aos perigos errantes: tu és amigo tanto de uns quanto dos outros (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 1257-58).

Compreendi que me enganastes, jovem – pois vejo claramente –
Com aqueles a quem no momento estás unido,
Desprezando minha amizade sem leva-la em conta.
Tu não eras amigo deles antes
E eu acreditei poder fazer de ti meu fiel companheiro.
Mas agora, tu tens outro amigo.
E eu, teu benfeitor, estou prostrado.
Que de todos os homens nenhum queira, te vendo, desejar amar um rapaz (TEÓGNIS-DEMÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 1311-17).

Oh jovem, por tua devassidão arruinastes teu nobre espírito
E trouxestes a desgraça aos nossos amigos (TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 1271-72).

Conquanto detentor de beleza estética, o jovem evocado nos versos acima é desprovido da beleza de caráter, sendo indigno de continuar possuindo o amor e a admiração de seu *erastés*. É interessante notarmos a nobreza de caráter e a experiência do *erastés* desferidos nos versos 1271-72, que espontaneamente distanciou-se de seu *erómenos* ao constatar o comportamento vergonhoso deste.

Encontramos ainda nos *Theognidea* conselhos sobre a moderação em relação à bebedeira, sugestão que também aparece tanto em Platão quanto em Xenofonte, conforme analisamos na seleção de versos a seguir:

Que mérito há em se obter o prêmio de bom bebedor?
Certamente o inferior, muitas vezes, vence o nobre
(TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 971-72).
O vinho bebido em abundância é mau; ao contrário, se alguém o bebe com sabedoria não é mau, mas bom.
(TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 509-510).

Não seas ansioso, a justa medida é o melhor em tudo;
Assim, Cirnos, tu terás a virtude, que é tão difícil de obter.
(TEÓGNIS DE MÉGARA. *Poemas Elegíacos*, 335-336).

Constatamos que o sujeito do enunciado aconselha seu interlocutor a ter moderação em relação a tudo, sobretudo às amizades e à bebida. Concluimos que os *Theognidea* eram recitados nos banquetes atenienses clássicos por estarem de acordo com os ideais da aristocracia, que insatisfeita com os rumos que a Democracia em Atenas havia tomado após a reforma de Sólon, evocava durante os *sympósia* poesias que estimulassem sua coesão e reforçassem suas premissas.

BIBLIOGRAFIA

A - Documentação Textual:

PLATON. *Gorgias - Ménon*. Trad: Alfred Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

_____. *Le Banquet*. Trad: Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1951.

THEÓGNIS. *Poemes Élégiaques*. Trad: Jean Carrière. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

XÉNOPHON. *Le Banquet – Apologie de Socrate*. Trad: François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

B – Referências Bibliográficas:

BUFFIÈRE, Félix. *Éros adolescent: la pédérastie dans la Grèce antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

FIGUEIRA, Thomas; NAGY, Gregory (orgs.). *Theognis of Megara: Poetry and the Polis*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

HARRISON, Ernest. *Studies in Theognis: together with a text of the poems*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2010.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEAR, Andrew. The Pederastic Elegies and the authorship of the Theognidea. *Classical Quarterly*. Cambridge, V. 61(2) p.378-393, 2011.

LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

ONELLEY, Glória Braga. *A ideologia aristocrática nos Theognidea*. Niterói: Eduff, 2009.

_____. A função da Poesia Teognídea. *Caliope: Presença Clássica*. Rio de Janeiro, V.15, p. 64-71 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufjf.br/pgclassicas/files/upload/caliope15.pdf>. Acessado em 20/08/2012.

VRISSIMTZIS, Nikos A. Pederastia. In: _____. *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002. p 100 – 114.

WELCKER, Friedrich T. *Theognidis Reliquia*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2010.